

Mídia
Data/Edição
Categoria
Evento
Versão online

Revista
Mar. 2022
Matéria
Adriana Varejão: Suturas, fissuras, ruínas
<https://vogue.globo.com/lifestyle/cultura/noticia/2022/03/adriana-varejao-estrela-suturas-fissuras-ruinas-na-pinacoteca-de-sao-paulo.html>

Veículo
Seção
Autor

Vogue Brasil
Fala-se de Arte
Rosana Rodini



Mídia
Data/Edição
Categoria
Evento
Versão online

Revista
Mar. 2022
Matéria
Adriana Varejão: Suturas, fissuras, ruínas
<https://vogue.globo.com/lifestyle/cultura/noticia/2022/03/adriana-varejao-estreia-suturas-fissuras-ruinas-na-pinacoteca-de-sao-paulo.html>

Veículo
Seção
Autor

Vogue Brasil
Fala-se de Arte
Rosana Rodini

Dedo na ferida

No mês em que estreia a mais abrangente individual da sua carreira, **Adriana Varejão** recebe *Vogue* em seu ateliê no Rio de Janeiro e conta detalhes das obras que farão parte da exposição e seu potente processo criativo

por Rosana Rodini, fotos Bruna Sussekind, styling Julliana Araújo

Fotografada em seu ateliê carioca, Adriana Varejão usa blazer e calça, ambos NK Store e colares Arco

“**A**cada trabalho, é como se eu mergulhasse em um mar de referências. Não chamo de pesquisa, mas de paixão. Às vezes, me apaixono por um assunto. Em outras, por um universo. Na maioria, são sensações. Imbuída de tudo isso é que proponho uma narrativa. Mas a obra é um processo infinito, porque só se completa no outro”, começa Adriana Varejão. Em 37 anos de carreira, é fato que a artista já despertou todos os tipos de sensações. Da dor ao fetiche, da beleza ao questionamento, da perspectiva ao espaço. Poética e política, sua obra coloca o dedo na ferida. Uma das maiores artistas brasileiras de todos os tempos, exposta no mundo inteiro, ela abre este mês *Adriana Varejão: Suturas, Fissuras, Ruínas*, na Pinacoteca de São Paulo. É a mais abrangente já realizada sobre o seu trabalho, com mais de 60 obras que cobrem as principais fases de sua trajetória, ao longo de quase quatro décadas: das pinturas iniciais às recentes tridimensionais de grande escala, a série *Ruínas de Charque*, duas obras, *Moedor e Ruína 22*, nestas páginas, criadas especialmente para a exposição.

Adriana conversa com *Vogue* a uma semana da entrega das últimas esculturas. A artista está em seu ateliê no Horto, no Rio de Janeiro, onde passa inúmeras horas de seus dias, todos os dias. O pincel no cabelo e a roupa suja de tinta são seu habitat natural. “A rotina no ateliê é fundamental. É preciso se desocupar do mundo para que o mergulho na pintura aconteça. As obras têm personalidade. É como lidar com pessoas, algumas são fáceis e chegam ao resultado rápido. Com outras, a relação é difícil.” A voz calma quase não condiz com a intensidade fervilhante do conjunto de sua obra, boa parte dela, dividida entre as sete salas da Pinacoteca. “Sempre acreditei que não há uma versão da história, mas versões, múltiplas e variadas. Ocorre que muitas delas foram perpetuadas. A minha história se baseia em versões às vezes imaginadas, às vezes silenciadas.”

Trabalhos como *O Fundo do Mar* e *O Universo*, ambos de 1985, e *Praia* (1986) mergulham na origem de sua prática. “Quando olho para esses trabalhos, reconheço que já existia ali uma busca pela materialidade da pintura.” As obras desse período são pouco ou nada conhecidas pelo público. “Durante muitos dos primeiros anos, fiz mais sucesso no exterior do que no Brasil. Por isso, quase metade da mostra vem de coleções dos EUA, Inglaterra, França, Holanda, Bélgica, Portugal e Argentina. *Anjos* (1988), por exemplo, foi adquirida pelo Stedelijk Museum, em Amsterdã em 1989, quando eu tinha 23 anos. As três obras da série *Linguas*, vendidas separadamente em 1997, serão exibidas lado a lado pela primeira vez desde então. Reunir todas elas envolve um trabalho de investigação e logística gigante. Com o crescimento do meu valor de mercado, alguns dos trabalhos adquiridos foram vendidos. Tento rastrear os caminhos do que criei, mas é quase como uma teia que vai se perdendo. Meu primeiro quadro barroco, apesar de termos procurado muito, não foi encontrado”, conta Adriana. Mas há outros reencontros importantes. Caso de *Azulejos*, de 1988, vendido para uma coleção na Bélgica. É o primeiro trabalho em que Adriana usa como referência um painel de azulejaria portuguesa, encontrado no claustro

Mídia
Data/Edição
Categoria
Evento
Versão online

Revista
Mar. 2022
Matéria
Adriana Varejão: Suturas, fissuras, ruínas
<https://voguemagazine.com/lifestyle/cultura/noticia/2022/03/adriana-varejao-estrela-suturas-fissuras-ruinas-na-pinacoteca-de-sao-paulo.html>

Veículo
Seção
Autor

Vogue Brasil
Fala-se de Arte
Rosana Rodini



Mídia
Data/Edição
Categoria
Evento
Versão online

Revista
Mar. 2022
Matéria
Adriana Varejão: Suturas, fissuras, ruínas
<https://vogue.globo.com/lifestyle/cultura/noticia/2022/03/adriana-varejao-estrela-suturas-fissuras-ruinas-na-pinacoteca-de-sao-paulo.html>

Veículo
Seção
Autor

Vogue Brasil
Fala-se de Arte
Rosana Rodini



Mídia
Data/Edição
Categoria
Evento
Versão online

Revista
Mar. 2022
Matéria
Adriana Varejão: Suturas, fissuras, ruínas
<https://vogue.globo.com/lifestyle/cultura/noticia/2022/03/adriana-varejao-estreia-suturas-fissuras-ruinas-na-pinacoteca-de-sao-paulo.html>

Veículo
Seção
Autor

Vogue Brasil
Fala-se de Arte
Rosana Rodini



Mídia
Data/Edição
Categoria
Evento
Versão online

Revista
Mar. 2022
Matéria
Adriana Varejão: Suturas, fissuras, ruínas
<https://vogue.globo.com/lifestyle/cultura/noticia/2022/03/adriana-varejao-estreia-suturas-fissuras-ruinas-na-pinacoteca-de-sao-paulo.html>

Veículo
Seção
Autor
Vogue Brasil
Fala-se de Arte
Rosana Rodini

do Convento de São Francisco, em Salvador. Não à toa, uma das salas está dedicada às pinturas influenciadas pela azulejaria, espécie de fio condutor do seu trabalho. “Os azulejos conectam o Brasil a Portugal e condensam na sua história uma pluralidade de encontros e cruzamentos culturais.”

Mapa de Lopo Homem e Filho Bastardo (ambas de 1992), também presente na Pinacoteca, representam os primeiros cortes em sua pintura. “Esse foi um ponto de virada no meu trabalho em direção às narrativas históricas. Nunca achei que a superfície branca da tela fosse um campo neutro. É como se já fosse preenchida, instável e em constante mudança. Em busca dessa densidade, procuro dar espessura ao suporte. O corte, ou a rachadura, dão materialidade e concretude a essa percepção. Crio camadas e revelo dimensões que ficaram submersas, domesticadas e silenciadas. É como se houvesse sempre uma força latente prestes a romper a pele da pintura; provavelmente a força de outros corpos por detrás.” É dessa forma que ela questiona narrativas hegemônicas e destaca com tinta a violência da história.

Adriana pode falar por horas a fio sobre seu trabalho, prefere sempre dar palco à obra do que à artista. Mas a história é tentadora. “Nasci no Rio e cresci boa parte em Brasília. Sou de uma família de classe média, sem artistas nem intelectuais. Não frequentávamos museus. Arte? Só de folhear os *Gênios da Pintura*, fascículo semanal que a minha mãe comprava nas bancas.” Como a história apreendida através da imagem impressa, criou uma forte relação com os livros. Mas foi num golpe das deusas da arte do acaso que conheceu, nos anos 1980, John Nicholson, professor de pintura que a convidou para a Escola de Artes Visuais do Parque Lage. “A primeira vez que entrei ali foi como se a minha realidade estivesse sendo expandida, transformada”, relembra. “Eu tranquei a faculdade de engenharia, aluguei um ateliê no Horto com outros colegas e comecei a pintar freneticamente.” Com o fim dos muitos anos de ditadura militar no Brasil, a arte política e conceitual dos anos 1960 e 1970 dava lugar a uma arte produzida num contexto de celebração e liberdade. Toda uma nova cena fervilhava e revivia a pintura, da qual ela começava a fazer parte.

A sua aproximação com o barroco vem desde essa época. “Em 1986, decidi pegar um ônibus para conhecer Ouro Preto.” Adriana chegou à cidade histórica sozinha, aos 22 anos e sem nunca ter frequentado igrejas. “Fui subindo e descendo aquelas ladeiras com paralelepípedos até entrar numa igreja-jinha que via da janela do quarto da república de estudantes onde ficara hospedada. Quando entrei e vi aquela matéria que parecia dançar, os excessos, foi como se eu tivesse uma epifania”, relembra. “O que mais me impressionou foi como a matéria podia ser tão animada e viva e ao mesmo tempo ter uma relação tão forte com a morte.” Paixão, como ela gosta de dizer. Nos anos seguintes, Adriana se aprofundou no tema, nas leituras de História com Tzvetan Todorov, Alfredo Bosi,

“Todos temos o componente da loucura dentro de nós. O meu aflora enquanto crio, embora exista um pilar de racionalidade que me sustente”

– ADRIANA VAREJÃO

entre outros. “Foi então que compreendi o barroco inserido dentro do contexto histórico colonial. Trago muitas referências formais do barroco histórico, mas o que torna a minha obra barroca é a linguagem na qual vários estilos se cruzam.”

“Varejão não tem medo da ruptura e da experimentação”, pontua Jochen Volz, diretor da Pinacoteca e curador da exposição. Um bom exemplo é a obra *Ruína Brasílis*, uma das seis que compõem a instalação no *Octógono*, doada pela artista para o acervo da Pinacoteca. “A obra é uma tentativa de resgate das cores da nossa bandeira, que nos últimos tempos se tornou símbolo do que há de mais reacionário e retrógrado no país.” A coluna é a peça fundamental de sustentação das edificações. Mas, nesse caso, está ruindo. “É assim que se revela seu interior frágil, exposto em carne viva. A ruína não está ali edificando um projeto glorioso. Ao contrário, é um monumento trágico, que nos revela uma verdade brutal.”

Para explicar a obra, Adriana relembra Caetano Veloso na canção “Fora da Ordem”, que cita Claude Lévi-Strauss em sua passagem: “Aqui tudo parece que era ainda construção e já é ruína”. Adriana gosta de Caetano, trilha que já embalou muitas das suas criações. Mas, na entrevista, escutava *Linda, Chique, Sexy & Braba*, de Kynnie. A letra, “Baby, Eu não Nasci pra Agradar Você”, combina. Adriana é curiosa, contestadora, artista. Samba e funk, carne meio azulejo, pele e víscera, passado e futuro num encontro com o agora. “Eu acho que todos temos o componente da loucura dentro de nós. O meu aflora enquanto crio, embora exista um pilar de racionalidade que me sustente. Se traduzida por Clarice Lispector... ‘Engulo a loucura porque ela me alucina calmamente.’” ■

Belzeq: Cláudio Tocantins. Produção executiva: Laila Ferrell e Mariana Borges. Assistentes de fotografia: Mery Fontenelle. Tratamento de imagem: Felipe Fre

Na página ao lado, lenço Ori e colares Arco

Mídia
Data/Edição
Categoria
Evento
Versão online

Revista
Mar. 2022
Matéria
Adriana Varejão: Suturas, fissuras, ruínas
<https://voguemagazine.com/lifestyle/cultura/noticia/2022/03/adriana-varejao-estrela-suturas-fissuras-ruinas-na-pinacoteca-de-sao-paulo.html>

Veículo
Seção
Autor

Vogue Brasil
Fala-se de Arte
Rosana Rodini



Mídia
Data/Edição
Categoria
Evento
Versão online

Revista
Mar. 2022
Matéria
Adriana Varejão: Suturas, fissuras, ruínas

Veículo
Seção
Autor

Vogue Brasil
Fala-se de Arte
Rosana Rodini

<https://vogue.globo.com/lifestyle/cultura/noticia/2022/03/adriana-varejao-estrela-suturas-fissuras-ruinas-na-pinacoteca-de-sao-paulo.html>



*Camisa e saia, Gucci,
sapatos Marcela B.
Brincos e colares, Arco*